

O Papel do Sujeito na Ciência dos Memes

The role of subject in the science of memes

Gustavo Leal Toledo¹

Universidade Federal de São João del-Rei

Resumo

Com o conceito de *meme*, Dawkins propôs que a evolução da cultura seria análoga à evolução biológica, sendo o meme a unidade que faz o papel de replicador. Tal ideia encontrou um de seus principais defensores no filósofo Daniel Dennett, que defendeu que podemos tratar os memes como entidades culturais que passam de pessoa para pessoa por meio da imitação. Surge, assim, a “perspectiva do meme”, ou seja, a visão de que os memes mais comuns são comuns porque são bons replicadores. Caberá a este trabalho discutir e responder algumas críticas feitas a essa ideia para avaliar se elas realmente são válidas, em especial a crítica feita ao papel do “sujeito livre” e da criatividade.

Palavras-Chave

Memética, Criatividade, Filosofia da Biologia, Daniel Dennett, Sujeito, Richard Dawkins.

1 - Agradeço o apoio do CNPQ e demais entidades por meio do projeto aprovado pelo edital MCTI /CNPq /MEC/CAPES 43\2013

Abstract

With the concept of *meme* Dawkins proposed that the evolution of culture is analogous to biological evolution, being the meme the unit that plays the role of replicator. This idea has found one of his main supporters in the philosopher Daniel Dennett, who argued that we can treat memes as cultural entities that pass from person to person by imitation. Thus arises the “meme’s perspective”, i.e., the view that the most common memes are common because they are good replicators. This paper will discuss and answer some criticisms of this view to evaluate whether they really are valid, especially the criticism of the role of the “free subject” and creativity.

Keywords

Memetics, Creativity, Philosophy of Biology, Daniel Dennett, Subject, Richard Dawkins.

A tentativa de desenvolver uma ciência dos memes, a memética, comumente esbarra em uma série de problemas conceituais e epistemológicos não solucionados que, se não impedem, ao menos desestimulam o seu desenvolvimento². O presente trabalho visa apresentar e discutir uma dessas críticas, que foi escolhida por estar entre as mais comuns apresentadas, principalmente, pelo público leigo e por aqueles que conhecem a memética pela primeira vez, embora não seja exclusiva destes, a saber: o problema do sujeito. Não é o intuito aqui apresentar uma resposta definitiva para essa questão, principalmente porque tal resposta ainda não existe. A questão do sujeito, assim como a da escolha livre e da cria-

2 - Chamar a Memética de uma ciência é, ainda, no momento, um exagero. Ela é apenas um panorama de pesquisa que pode se desenvolver ou não. Parte do seu não desenvolvimento se dá justamente pelo fato dela ter que sempre responder um conjunto de questões conceituais antes que possa apresentar qualquer coisa palpável. Problema que a Teoria da Evolução, por exemplo, também teve, mas em muito menor escala, e que assim pôde se desenvolver livremente antes de responder a todas as questões epistemológicas levantadas. Como exemplo, cabe lembrar que Darwin publica “A Origem das Espécies” em 1859, mas só em 1953, quase 100 anos depois, que Watson e Crick desvendam o modelo da dupla-hélice de DNA, que dá a instanciação física do gene. Além disso, até aproximadamente 1920 sequer havia clareza sobre as relações entre a evolução darwinista e a genética mendeliana (cf. STERELNY, GRIFFITHS, 1999, p.31). Se só pudéssemos discutir evolução das espécies depois de apresentar a instanciação física da unidade de hereditariedade, nunca teríamos tido a Teoria da Evolução, pois foi esta própria teoria que incentivou a busca por essa unidade e que agora já começa a ser questionada (EL-HANI 2007). Desse modo, o presente artigo estará fundamentado na concepção, defendida em outro lugar (LEAL-TOLEDO, 2009), de que para uma nova ciência se desenvolver é preciso que ela tenha espaço epistemológico de manobra para trabalhar sem ter que responder inicialmente toda e qualquer questão que lhe é colocada. Nas palavras sucintas de David Hull “A memética deveria ser avaliada apenas quando um número razoável de pessoas começasse a desenvolvê-la” (HULL 2000, p.50. Minha tradução).

tividade, ainda está entre os grandes desafios atuais das Ciências Cognitivas. Pretende-se, então, apresentar o problema e sugerir não só uma possível resposta, mas, mais importante, indicar que a memética pode ser desenvolvida independente de termos uma resposta definitiva para essa questão. No entanto, é preciso antes entender o que são os memes e porque eles levantam esse problema.

I

O “ingrediente” fundamental da evolução é, segundo Richard Dawkins, o que ele chamou de replicador: um ente capaz de fazer cópias de si mesmo. Ele é o ser que tem descendentes e é nele que podemos dizer que a seleção natural age. Os primeiros replicadores eram capazes de copiar a si mesmos; sendo assim, seus descendentes herdavam suas características e, portanto, também eram capazes de copiar a si mesmos. A hereditariedade é uma característica fundamental dos replicadores. Entretanto, mesmo os replicadores que são capazes de fazer boas cópias de si eventualmente erram no processo e criam seres diferentes de si. Tais erros, que foram chamados de mutações, acontecem por acaso, não são direcionados para nada. Mas, eventualmente, um erro na replicação pode criar um replicador mais potente. Quando isso acontece, essa mutação será passada aos seus descendentes que, eventualmente, poderão ter novas mutações que também ampliem seus poderes de replicação. Tal processo de acúmulo de mutações pode ser chamado de evolução (DENNETT, 1998, p.71). Ele se dá por meio da seleção natural, que pode ser entendida como o sucesso reprodutivo diferencial não aleatório (TRIVERS, 1985, p.15). Ou seja, aqueles que se replicam mais dentro de uma determinada população tendem a se tornar mais comuns; os que se replicam menos tendem a se tornar mais raros.

No caso do nosso mundo, segundo Dawkins, os principais replicadores são os genes, que sofrem as mutações e transmitem as informações da hereditariedade. No entanto, o chamado Darwinismo Universal (DAWKINS, 1983) nos mostra que o importante do gene não é que ele é uma cadeia de DNA e sim que ele é um replicador. Desse modo, se ele fosse feito de outra coisa que também pudesse se replicar, ele também seria alvo da seleção natural e, por consequência, da evolução. É nesse sentido que o Darwinismo Universal quer ultrapassar as barreiras do darwinismo.

Onde houver um replicador capaz de passar suas características para seus descendentes e houver um suprimento finito de “nutrientes” necessários para a replicação, ocorrerá a sele-

ção natural e a evolução. Isso quer dizer que a evolução não depende do substrato biológico da Terra, ela pode se dar em outros planetas, com outros substratos. Como nos diz Dennett, “As ideias de Darwin sobre os poderes da seleção natural também podem ser retiradas de sua base biológica” (DENNETT, 1998, p.60). Com isso ele não está querendo dizer que tais ideias podem ser aplicadas só a outros planetas, e sim aplicadas a qualquer ambiente onde existam outros replicadores. Nas palavras de Dawkins, “o darwinismo é uma teoria grande demais para ser confinada ao contexto limitado do gene” (DAWKINS, 2001a, p.213).

Foi justamente para deixar mais intuitiva a ideia de que a evolução independe do substrato que Dawkins criou, no último capítulo de seu livro “O Gene egoísta” (1976), o conceito de “meme”. Um meme pode ser compreendido como uma unidade de cultura, um comportamento ou uma ideia que pode ser passado de pessoa para pessoa por meio da imitação. Existe uma grande discussão sobre se os memes podem ser passados só por imitação ou por outras formas de aprendizado social. Mas o importante é que eles são copiados de indivíduo para indivíduo. Ele é o replicador e “sempre que surgirem condições nas quais um novo tipo de replicador possa fazer cópias de si mesmo, os próprios replicadores tenderão a dominar” (DAWKINS, 2001a, p.215). Desse modo, o meme é o análogo cultural do gene. Mas o filósofo da biologia David Hull nos diz que não devemos pensar na seleção memética como análoga à seleção genética, e sim que as duas formas são exemplos de um conceito mais fundamental de seleção (HULL, 2000, p.46).

Na definição de Susan Blackmore, considerada por Dawkins e Dennett como a principal defensora dos memes, “memes são instruções para realizar comportamentos, armazenadas no cérebro (ou em outros objetos) e passadas adiante por imitação” (BLACKMORE, 1999, p.17, minha tradução). Em uma primeira simplificação, podemos pensar nos memes como “padrões de comportamento”: uma pessoa aprende a dançar imitando certo padrão de comportamento. Esse padrão pode ser bem adaptado ou não a essa pessoa, por exemplo, será melhor adaptado se ela tiver um bom desempenho físico, um bom ouvido para seguir o ritmo da música, uma boa estrutura cerebral capaz de traduzir esse ritmo em movimentos do corpo, uma boa memória corporal, um gosto pelo tipo de música que está dançando, uma vida social que a leve a lugares onde se pode dançar, etc. Tudo isso é o “ambiente” no qual esse meme vai se inserir e que vai selecioná-lo. No caso apresentado, ele estará bem adaptado ao ambiente e poderá, então, ser passado para outras pessoas, o que significa somente que a pessoa tenderá a influenciar outras pessoas a dançar, seja por meio de incentivo verbal, seja dançando com elas, seja as ensinando a dançar, ou mesmo somente ao ser observada e admirada.

Pode-se questionar aqui se “aprender a dançar” é um meme ou se cada passo ou cada

movimento é um meme. Essa é uma crítica comum feita à memética, mas também poderia ser feita à genética. Não há uma regra baseada em princípios para dizer quando algo é um gene ou um conjunto de genes fortemente ligados; tudo depende da probabilidade de que eles sejam passados juntos. Não há um limite inferior ou superior de número de códons, ou mesmo para número de efeitos fenotípicos, que determine a unidade dos genes. Como Dennett colocou:

As unidades são os menores elementos que se replicam com confiabilidade e fecundidade. Podemos compará-las, quanto a isso, aos genes e seus componentes: C-G-A, um único códon de DNA, é ‘pequeno demais’ para ser um gene. (...) Uma frase de três nucleotídeos não conta como um gene pelo mesmo motivo pelo qual você não pode registrar os direitos autorais de uma frase musical com três notas: não é o bastante para fazer uma melodia. Mas não existe um limite mais baixo ‘baseado em princípios’ para a extensão de uma seqüência que possa vir a ser considerada um gene ou um meme. As primeiras quatro notas da Quinta sinfonia de Beethoven são nitidamente um meme, replicando-se sozinhas, destacadas do resto da sinfonia, mas mantendo intacta uma certa identidade de efeito (um efeito fenotípico) e, portanto, prosperando em contextos onde Beethoven e suas obras são desconhecidos (DENNETT, 1998, p.359).

Esse critério pragmático é o único que temos tanto para descobrir a unidade dos memes quanto para descobrir a unidade dos genes. Um verso de uma música pode ser considerado um meme por conta própria se ele conseguir prosperar sozinho, sem a música. Caso a música só prospere unida, então ela toda é um só meme. E, mais importante, não há problema se de uma música que antes só prosperava unida surgir um verso que se destaque e passe a prosperar sozinho.

Cabe notar também que o gene como unidade autônoma não existe. É um erro pensar que um gene pode ser compreendido fora de seu contexto, que é o ambiente constituído dos outros genes mais o ambiente externo. Tal visão foi muito criticada como sendo “beanbag genetics” (genética de saquinho de feijão), onde cada gene decodifica individualmente um traço fenotípico. Assim como um traço cultural só pode ser entendido em relação aos outros traços, o efeito de um gene só pode ser compreendido em relação aos efeitos de outros genes e do ambiente (STERELNY, GRIFFITHS, 1999, p.13).

Temos, assim, que nessa concepção de meme os seus exemplos são inúmeros. Toda a

cultura, todos os comportamentos sociais, todas as idéias e teorias, todo comportamento não geneticamente determinado, tudo o que uma pessoa pode imitar ou aprender com uma outra pessoa é um meme. Esses exemplos do que é ver a cultura através da visão dos memes normalmente causam desconforto, pois neles são os memes que se replicam e não nós que os replicamos (WAIZBORT, 2005). Nesse momento, a tendência é de se lembrar de cultos que fazem “lavagem cerebral” e chegam até mesmo a levar ao suicídio coletivo; ou então do processo de criação artística em que um personagem de um romance, ou um quadro, ou uma música parecem ter vida própria. São casos em que sentimos claramente que quem comanda são os memes, são eles é que querem ser passados, pois o principal ambiente dos memes são as mentes humanas e é por elas que eles competem, nas palavras de Dennett:

O estoque de mentes é limitado, e cada mente tem uma capacidade limitada de memes, portanto, há uma forte competição entre os memes para entrar no maior número de mentes possíveis. Esta competição é a principal força seletiva na memosfera (DENNETT, 1991, p.206.).

II

Duas são as principais diferenças entre os memes e as outras abordagens da cultura. Em primeiro lugar, uma ciência do estudo dos memes, a memética, poderia se basear nos modelos da genética das populações e da epidemiologia para desenvolver um verdadeiro programa de pesquisa da cultura humana. Em segundo lugar, a memética nos permite estudar o desenvolvimento da cultura sem um questionável “sujeito da escolha” capaz de “decidir” que comportamento seguir ou que ideia adotar. Tal sujeito seria, na melhor das hipóteses, só mais uma parte do ambiente dos memes. A memética traria, assim, a chamada “perspectiva do meme”, ou seja, são os memes, assim como os genes, que querem³ ser passados e não as pessoas que os querem passar.

Tal perspectiva do meme é semelhante às narrativas históricas adaptacionistas comuns

3 - É claro que está sendo usado aqui o que Dennett chama de “Postura Intencional” (2006). Os memes e os genes não querem realmente nada, apenas se reproduzem com maior ou menor eficácia, mas podemos tratá-los como se quisessem. Utilizamos a postura intencional apenas para simplificar o discurso e torná-lo mais intuitivo. Como Dennett nos mostra, utilizamos essa estratégia a todo o momento e ela é bem sucedida quando nos permite prever o comportamento do que estamos tratando. Desse modo, quando é dito que um meme “quer entrar em uma mente” ou que um gene “quer ser copiado”, apenas estamos indicando que as mudanças que aumentam a possibilidade disso que ele “quer” tenderão e se tornar mais comuns.

na biologia. Ao se estudar um meme, deve-se mostrar o que o torna um bom replicador, ou seja, porque ele tem sucesso replicativo. É nisso que a memética se diferencia de outras teorias que normalmente são confundidas com ela, a saber, o Darwinismo Social, a Sociobiologia, a Psicologia Evolutiva e o chamado efeito Baldiwn (Laland, Brown 2004). A única relação que a memética tem com essas teorias é o fato de que todas elas estão incluídas dentro do panorama geral do Darwinismo Universal. Mas em muitos casos a memética é até mesmo oposta a essas teorias, pois trata o processo evolutivo da cultura em si mesmo.

A chamada perspectiva do meme trata este como um agente de sua própria replicação, enquanto as pessoas seriam parte do seu ambiente, pois são os responsáveis por sua replicação e, desse modo, um recurso ambiental pelo qual competem. São os memes que querem ser passados, e nós somos “controlados” por eles. É a origem da imagem do meme como um vírus que invade nossa mente, um “vírus da mente” (Cf. BRODIE, 2010). Mas Susan Balckmore e Dennett não concordam com essa visão, nas palavras do filósofo:

O porto seguro de que todos os memes dependem é a mente humana, mas ela mesma é um artefato criado quando os memes reestruturaram um cérebro humano para torná-lo um habitat melhor para os memes.

(...)

Mas se é verdade que as mentes humanas são, em grau notável, as criações de memes, então não podemos sustentar a polaridade de visão que analisamos anteriormente; não pode ser ‘memes versus nós’, porque infestações anteriores de memes já tiveram um papel importante determinando quem ou o que somos. A mente ‘independente’ que luta para se proteger de memes alienígenas e perigosos é um mito (DENNETT, 1991, p.207).

Blackmore, concordando com Dennett, diz que o “eu” é um meme, ou melhor, um conjunto de memes extremamente bem adaptados à nossa mente e com uma forte estratégia protetora, em que tudo que não é ele é tido como perigoso (BLACKMORE, 1999, p.231)⁴. O “eu” é um complexo de memes do mesmo modo como um organismo é um complexo de genes, trabalhando em conjunto, mas cada um, em última instância, visando benefício próprio. No entanto, tanto há defensores da memética que negam a existência do sujeito de

4 - Cabe notar que convivem na memética tanto uma visão de memes como vírus e, desse modo, baseando-se nos modelos da Epidemiologia para estudar a cultura, quanto de memes como genes e, dessa forma, com base em modelos da Genética Populacional. Embora sejam duas aproximações diferentes, elas não são excludentes, mas tal relação não será tratada aqui.

escolha livre quanto há defensores de um visão forte do papel do sujeito, como Kate Distin, que, em um livro, fala do papel de um agente da mudança memética que seria o sujeito de tal ação (Distin, 2005, p.172)⁵.

III

O problema do sujeito na memética se tornou um tema bastante comum, haja vista o próprio conflito interno. Além disso, costuma ser uma das críticas mais imediatas, principalmente quando é apresentada a visão do meme como um vírus que invade nossa mente e domina nosso comportamento. Eva Jablonka, por exemplo, deixa bem claro sua discordância com a memética quando diz que “o problema com o tipo de autonomia afirmada pelo discurso sobre os memes é que o *agente* biológico-psicológico-cultural ativo desaparece” (JABLONKA, LAMB, 2005, p.224. Minha tradução). No entanto, é possível compreender a memética de uma maneira que não precisa ver os memes nem como invasores que comandam nosso comportamento para benefício próprio, mas também não precisa de um conceito forte de “sujeito livre de seleção dos memes”.

Para tornar tal visão mais intuitiva podemos pensar primeiro sobre a evolução do sabor das frutas: a maioria das frutas são saborosas, cheirosas e até mesmo belas. Além disso, são fáceis de se colher e de se achar, sendo rapidamente destacáveis de suas árvores, quando simplesmente não caem abertas no chão. O motivo adaptativo que torna uma fruta saborosa é porque ela “quer”⁶ ser comida, pois quando algum animal a come, ele espalha as suas sementes e isso evita que ele coma as folhas das árvores, entre outros fatores. Por esse motivo, muitas frutas são doces, suculentas e saborosas, pois elas estão adaptadas ao paladar dos animais que as comem e às suas necessidades nutricionais. Quanto mais saborosa ela for, maior a probabilidade de que suas sementes se espalhem. Nesse sentido, podemos entender o paladar de determinados animais como parte do ambiente ao qual uma árvore frutífera deve se adaptar. Não é um problema que tal animal possa ser considerado um sujeito livre e

5 - O mesmo poderia ser dito de Rosaria Conte (CONTE, 2000, p.90).

6 - Novamente está sendo usado aqui o que Dennett chamou de Postura Intencional (nota ii). A fruta, é claro, não “quer” nada, no entanto podemos usar a postura intencional para explicar suas adaptações. Cabe notar que a utilização desse tipo de postura é bastante usual, mas que eventualmente causa distorções, principalmente na divulgação científica para o público leigo. Tal uso é tão difundido e comum que esquecemos que a própria ideia de uma “seleção” natural utiliza a postura intencional para nomear um processo natural, pois evoca a ideia de “selecionar” algo, processo tipicamente baseado em uma escolha consciente entre variedades. A natureza, é claro, não “seleciona”; certas adaptações apenas têm maior probabilidade de serem passadas do que outras e, por isso, tendem a se tornar mais comuns.

capaz de escolha, pois elas querem ser escolhidas por esses animais e se adaptam justamente para favorecer essa escolha. Nesse sentido é que podemos dizer que o paladar dos animais, assim como seu olfato, sua visão, suas necessidades nutricionais, são parte do ambiente dessas frutas. Desse modo, aquelas que forem escolhidas pelos animais, que interpretam um papel relevante em sua reprodução, terão maior chance de replicação, de modo que qualquer mudança que aumente a possibilidade dela ser escolhida tenderá a ser preservada e se tornará mais comum com o tempo. Assim, até mesmo a capacidade de escolha de um animal pode ser considerada parte do ambiente ao qual uma fruta se adapta.

Levando-se o que acabou de ser dito em consideração, podemos entender mais facilmente a memética e o papel do sujeito nela. Memes devem ser passados por imitação; para isso têm que se adaptar ao aparato cognitivo dos seres vivos capazes de imitação. É possível que tais seres vivos sejam sujeitos livres e capazes de escolha, mas isso não faz fundamentalmente diferença alguma. Tais seres, mais especificamente os seres humanos, sempre terão uma maior probabilidade de imitar algum determinado comportamento do que outro. Isso significa que os memes mais parecidos com tais comportamentos se tornarão mais comuns. O aparato cognitivo humano, seja ele capaz de escolha livre ou não, pode ser considerado só como parte do ambiente ao qual o meme deve se adaptar. Memes melhor adaptados a tal ambiente se tornarão mais comuns.

Para um animal o seu paladar é o que permite escolher o que comer ou não, mas para a fruta ele é apenas o ambiente ao qual ela deve se adaptar. Do mesmo modo, para um ser humano, seu aparato cognitivo pode ser o que o que lhe faz escolher entre o que imitar e o que não imitar, mas, para um meme, ele é só parte do ambiente ao qual ele deve se adaptar⁷. Ao contrário do que muitas vezes fica subentendido na analogia do meme como um vírus que invade nossa mente, um meme não domina a mente humana ignorando as suas capacidades cognitivas, mas ele é replicado por causa de tais capacidades. Se a mente humana não tivesse predileção por determinados memes, todos os memes teriam a mesma chance de se multiplicar. Não haveria seleção e, conseqüentemente, não haveria evolução.

Desse modo, uma possível resposta é o fato de que memes devem se adaptar ao seu ambiente e este pode ser o sujeito humano. Falar em “perspectiva do meme” não é ignorar o sujeito, mas sim tratá-lo como parte do ambiente, assim como as escolhas alimentares de um macaco, por exemplo, são parte do ambiente ao qual as frutas se adaptam. Desse modo, todo o problema da liberdade de escolha do sujeito do meme simplesmente desaparece, pois fica claro que defender a memética não significa negar a existência de tal sujeito. Além

7 - Os estudos das neurociências, em especial dos neurônios-espelho, e da psicologia do desenvolvimento e da psicologia evolutiva devem, então, ser tratados como estudo do ambiente do memes e podem nos permitir, no futuro, prever e explicar quais memes se tornarão mais comuns.

disso, é possível dar ainda uma segunda resposta independente da anterior, como podemos ver dentro da teoria da consciência de Dennett, que seria ainda mais profunda, pois diz que tal sujeito sequer precisa existir.

IV

Dennett nos apresenta uma teoria da mente e da consciência que prescinde de qualquer coisa semelhante a um sujeito autônomo, capaz de livre escolha. Segundo Dennett, o que de fato acontece em nossa mente é uma luta de múltiplos esboços pelo controle do comportamento. O que chamamos de “eu” é só o esboço que está no comando no momento, o que ele chama de “fama no cérebro”. Baseado em Dennett, Dawkins pode dizer que:

Quando anunciamos ao mundo uma boa idéia, quem sabe que seleção subconsciente, quase darwiniana, não se passou nos bastidores dentro de nossa cabeça (DAWKINS, 2001b, p.389).

Seríamos, na nomenclatura de Dennett, “criaturas Gregorianas” (DENNETT, 1997). Estas seriam capazes de incorporar instrumentos desenvolvidos por elas próprias ao seu ambiente interno, sendo que o principal instrumento seria a linguagem, de modo que poderiam manipular suas representações do meio ambiente mais diretamente. modo, o que chamamos de projeto e de criatividade seriam um processo de simulação interna do ambiente externo de onde só a melhor resposta sairia, dando a impressão de que somos capazes de criar tal resposta quando, na verdade, ela surgiu por um processo interno que é em tudo parecido com um processo seletivo de tentativa e erro. Como diria K. Popper, “devemos deixar que nossas ideias morram em nosso lugar”.

A questão aqui não é defender a teoria de Dennett, e sim explicitar que uma posição na filosofia da mente, ainda mais uma posição tão forte quanto a que diz que existe um sujeito livre autônomo, não pode ser simplesmente assumida (LEAL-TOLEDO, 2006). Deve haver uma argumentação mais forte dando suporte para tal posição, em especial uma argumentação que diga como tal sujeito surgiu durante a evolução, para que propósito ele serve e qual é o lugar dele no cérebro. Quando colocados de frente a essas questões, fica muito

mais difícil defender a existência de tal sujeito. A ideia de um centro controlador parece não se adequar à ideia de um cérebro com funcionamento paralelo. As indicações científicas mais atuais são de que não há espaço nenhum para um centro controlador no cérebro. Pinker, embora tenha criticado a memética pela falta de um sujeito criativo, é que nos diz:

Os neurocientistas cognitivos não só exorcizaram o fantasma [o eu], mas também mostraram que o cérebro nem sequer possui uma parte que faz exatamente o que se supõe que o fantasma faça: examinar todos os fatos e tomar decisão para o resto do cérebro implementar. Cada um de nós sente que existe um 'eu' único no controle. Mas essa é uma ilusão que o cérebro se esforça arduamente para produzir (PINKER, 2004, p.69 - 70).

Pinker nos fala de conhecidos experimentos realizados por Michael Gazzaniga e Roger Sperry, que utilizaram pacientes que tiveram o corpo caloso cortado. Tal parte do cérebro é o que liga os dois hemisférios e é normalmente cortado em cirurgias para impedir ataques epiléticos. Nesses pacientes, os dois hemisférios passam a funcionar praticamente como duas pessoas distintas, sendo que um hemisfério só recebe informação do outro interpretando o comportamento da própria pessoa. Experimentos são feitos mostrando algo só para um hemisfério e depois vendo o que o outro hemisfério acha que está acontecendo. Por exemplo, mostra-se uma placa dizendo “ande” para o hemisfério direito; paciente se levanta e começa a andar. Então é perguntado para o hemisfério esquerdo por que ele se levantou e começou a andar. As respostas são as mais estranhas, mas sempre com algum sentido do tipo “porque fui pegar água” ou “minhas pernas estavam dormentes” e coisas do tipo. Nunca são respostas mais razoáveis do tipo “não sei” ou “desde que fiz a cirurgia vocês fazem experimentos comigo e me fazem fazer coisas que eu mesmo não entendo”. Tais experimentos e tais respostas não são exclusivos de pacientes que sofreram esse tipo de procedimento; pelo contrário, são extremamente comuns nos mais diversos tipos de problemas neurológicos⁸.

Além disso, temos que, junto à questão do sujeito da escolha dos memes, pode ser encontrada a questão do sujeito da criação dos memes. É comum dar o crédito das criações de novos comportamentos e novas ideias a esse sujeito por meio do que é chamado de “criatividade”. Nesse caso, uma crítica à memética é que ela também acabaria com o sujeito criativo, responsável pelas suas próprias ideias. A noção de que somos responsáveis pelas nossas novas ideias e comportamentos não é apenas uma questão filosófica, mas também

8 - Experimentos e análises semelhantes podem ser encontrados em Ramachandran & Blakeslee, 2002

prática, pois é a própria base da noção de patentes e de direitos autorais, podendo até ter implicações legais.

No entanto, o processo que a nossa mente usa para criar é desconhecido até por nós mesmos. Fenomenologicamente, uma nova ideia parece vir ou não vir aparentemente por escolha própria. “Nem mesmo os grandes criadores conhecem a trajetória direta e segura para a beleza ou a verdade” (SIMONTON, 2002, p.216). Podemos até ter feito muito esforço mental para chegar até ela, mas este esforço não é um caminho, um método ou uma regra para se chegar à criação de um novo meme, uma nova ideia ou novo comportamento. Dizer que alguém é criativo não diz absolutamente nada sobre como ele é capaz de criar o que quer que seja (LEWENS, 2005, p.160).

Talvez o mais interessante nisso tudo é que o argumento que deveria ser uma das críticas à memética pode ser, na verdade, uma de suas forças. A memética pode nos auxiliar com uma interessante sugestão que, no futuro, pode ser desenvolvida como uma explicação possível para o fenômeno da criatividade.

Dado que a simples observação de todas as infinitas estratégias evolutivas desenvolvidas pela gigantesca gama de seres vivos, existentes ou extintos, deveria ser o suficiente para mostrar, como disse Blackmore, que os “processos evolutivos são criativos – talvez os únicos processos criativos no planeta” (BLACKMORE, 2000, p.29. Minha tradução), temos que a evolução por seleção natural é um processo largamente criativo. Chamar a natureza de criativa sempre causa estranhamento porque o ser humano está acostumado a tratar apenas de sujeitos como sendo criativos, e não há um sujeito, uma mãe natureza ou deus, que teria o dom da criatividade na natureza. No entanto, negar a criatividade da natureza não parece ser nem um pouco sensato.

A grande ideia de Darwin foi mostrar que o próprio processo da evolução por seleção natural é criativo. Na verdade, foi justamente essa própria criatividade que serviu por muito tempo como prova da existência de Deus, como no caso clássico do argumento do relógio de Paley⁹. A ideia era que se existia criatividade, se existia projeto, deveria haver um projetista criativo, um sujeito capaz de criar tudo o que vemos na natureza. Mas a grande descoberta de Darwin foi justamente que o projeto, a criatividade, não precisa de um projetista criativo, o próprio processo é capaz de criar projeto, o próprio processo é criativo. Novos projetos surgem na natureza todo dia. Tudo isso sem a necessidade de nenhum sujeito capaz de criar novos projetos. Do mesmo modo, para a memética, a criatividade da mente humana pode não estar na existência de um sujeito criativo, alguém que seria capaz de comandar a sua própria criatividade, mas sim no próprio processo de evolução cultural que seria, ele mesmo, criativo.

9 - Tal argumento é hoje retomado pelo que se convencionou chamar de *Desing Inteligente* (DAWKINS, 2001b)

Se Dennett estiver certo e nossa mente funcionar por meio de uma competição de múltiplos esboços, isso poderia dar a base para entender o processo criativo da mente.

V

Esse é provavelmente o problema mais comum em aceitar a memética, principalmente para os leigos. Não gostamos de pensar em nós mesmos como não tendo controle algum sobre aquilo que somos, escolhemos e criamos. A principal crítica contra Darwin, não só quando ele estava vivo, mas até hoje, mais de 150 anos depois, é o fato de que ele tirou deus da biologia, que passou a ser um processo que funciona sem um sujeito projetista. Talvez o principal problema da memética seja o fato de que ela faz exatamente o mesmo com a evolução cultural, ou ao menos dá a impressão de que faz. Tudo isso que gostávamos de chamar de nossa cultura, nossas ideias, nossas invenções, pode não ser nossa e sim fruto de um processo de evolução cultural em que a variação se dá ao acaso e a seleção por fatores ambientais internos e externos. O próprio sujeito pode perder o seu papel e se tornar obsoleto. Darwin mostrou a inutilidade do sujeito universal e a memética poderá mostrar, um dia, a inutilidade do sujeito individual.

Embora a memética não seja a única teoria que faça isso, ao tratar nossa cultura como uma espécie de vírus, tendemos a perceber com uma maior clareza o que significa dizer que “eles” estão no comando. No entanto, como nos fala Dennett, a dicotomia entre um “nós” e um “eles” pode ser enganosa. Além disso, como vimos, a memética não precisa eliminar toda forma de concepção de “sujeito” para existir, pois este pode ser tratado como o ambiente seletivo dos memes e, desse modo, tornar-se até mesmo necessário na compreensão de como se dá a evolução memética. Temos, então, que uma das críticas mais comuns feitas à memética, em especial pelos leigos e pelos que estão conhecendo essa teoria pela primeira vez, mas de maneira nenhuma exclusivamente por estes, pode se basear apenas em uma noção simplista tanto da memética, quanto do próprio sujeito. Se ambas forem mais profundamente analisadas, pode ser demonstrado que esses problemas, se não plenamente respondidos, são, ao menos, de menor gravidade e, desse modo, não justificam que as pesquisas em memética sejam paralisadas até que sejam resolvidos.

Referências Bibliográficas

- BLACKMORE, Susan. 1999. *The meme machine*. Oxford: Oxford University Press.
- BRODIE, Richard, 2010. *Vírus da Mente*. São Paulo: Cultrix
- CONTE, Rosaria. 2000. *Memes Through (social) minds*. In: AUNGER, Robert (org). *Darwinizing culture. The status of memetics as a science*. Oxford: Oxford University Press.
- DARWIN, Charles. 2004. *A Origem das espécies*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- DAWKINS, Richard. 1983. Universal Darwinism. In: BENDALL, D., *Evolution: from molecules to men*, Cambridge: Cambridge University Press.
- , 2001a. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.
- , 2001b. *O relojoeiro cego. A teoria da evolução contra o designo divino*. São Paulo: Companhia das letras.
- DENNETT, Daniel C. 1991. *Consciousness explained*. Boston: Little, Brown and Company.
- , 1997. *Tipos de mente*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.
- , 1998. *A perigosa idéia de darwin*. Rio de Janeiro: Rocco.
- , 1999. *The evolution of culture*. disponível em: http://www.edge.org/3rd_culture/dennett/dennett_p1.html. Acesso em: 21 agosto de 2011
- , 2006. *Brainsotrms*. São Paulo: Unesp.
- DISTIN, Kate. 2005. *The selfish meme*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EL-HANI, Charbel N. 2007. Between the cross and the sword: the crisis of the gene concept. *Genetics and molecular biology*, v.30, n.2, p.297 - 307.
- GOULD, S. J. 1997. *Dinossauro no palheiro: reflexões sobre história natural*. São Paulo: Companhia das Letras.
- , 2003. *A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci: ensaios sobre história natural*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HULL, David. 2000. Taking memetics seriously: memetics will be what we make it. In: AUNGER, Robert (org). *Darwinizing culture. The status of memetics as a science*. Oxford: Oxford University Press.
- JABLONKA, Eva. & LAMB, Marion J. 2005. *Evolution in four dimensions: genetic, epigenetic, behavioral and symbolic variation in the history of life*. Massachusetts: The MIT Press.

- LALAND, Kevin N. & BROWN, Gillian R. 2004. *Sense & nonsense, evolutionary perspectives on human behaviour*. Oxford: Oxford University Press.
- LEAL-TOLEDO, Gustavo, 2006. Dennett e Chalmers: argumentos e intuição. *Trans/Form/Ação*, v.29, n 2, pp.123-132.
- , 2009. *Controvérsias meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dennett, Dawkins e Blackmor*. Rio de Janeiro. 467p. Tese (Doutorado) – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LEWENS, Tim. 2005. *Organisms and artifacts: design in nature and elsewhere*. Massachusetts: The MIT Press.
- PINKER, Steven. 1998. *Como a mente funciona*. São Paulo: Companhia das Letras.
- , 2004. *Tabula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras.
- POPPER, Karl R. 1975. *Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.
- RAMACHANDRAN, Vilayanur S. & BLAKESLEE, Sandra. 2002. *Fantasma no cérebro: uma investigação dos mistério da mente humana*. Rio de Janeiro: Record.
- RICHERSON, Peter J. & BOYD, Robert. 2005. *The origin and evolution of cultures*. Oxford: Oxford University Press.
- , 2006. *Not by genes alone: how culture transformed human evolution*. Chicago: University of Chicago Press.
- RIZZOLATTI, Giacomo & SINIGAGLIA, Corrado, 2008. *Mirrors in the brain: how our minds share actions and emotions*. Oxford: Oxford University Press.
- STERELNY, Kim & GRIFFITHS, Paul E. 1999. *Sex and death: an introduction to philosophy of biology*. Chicago: The University of Chicago Press.
- SIMONTON, Dean K. 2002. *A origem do gênio: perspectivas darwinianas sobre a criatividade*. Rio de Janeiro: Record.
- TRIVERS, Robert. 1985. *Social evolution*. California: The Benjamin/ Cummings.
- WAIZBORT, Ricardo. 2005. Notas para a aproximação entre o neodarwinismo e as ciências sociais. *História, Ciência, Saude – Manguinhos*, v.12, n.2, p. 293 - 318.
- & ROCQUE, Lucia. 2008. Um replicador em movimento: entre a poética narrativa

de Borges e o programa de pesquisa dos memes. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v.15, n.1, p.183 - 195.